



1

Por muito tempo minha mãe ainda não estava morta. A minha história poderia ter sido mais trágica. Meu pai poderia ter se rendido à bebida, à heroína ou a uma amante, e deixado que meu irmão e eu cuidássemos um do outro — ou pior, sob a tutela da assistência social da cidade de Nova York, onde, de acordo com meu pai, raramente havia um final feliz. Mas não foi o que aconteceu. Agora sei que trágico não é o momento. É a memória.

Se tivéssemos o jazz, teríamos sobrevivido de outra forma? Se soubéssemos que nossa história era o refrão de um solo de blues, teríamos erguido nossa cabeça, dito um ao outro: *Isso é memória*, novamente e mais uma vez até que a vida fizesse sentido? Onde estaríamos agora se soubéssemos que havia uma melodia em nossa loucura? Porque ainda que Sylvia, Angela, Gigi e eu tenhamos nos juntado como um improviso de jazz — meias notas hesitantes se movendo em direção umas às outras até o grupo encontrar a base e a música parecer que sempre esteve tocando —, nós não tínhamos o jazz para saber que era isso o que éramos. Tínhamos as músicas do Top 40 dos anos 1970 tentando contar a nossa história. Ele nunca nos entendeu muito bem.

No verão em que fiz quinze anos, meu pai me enviou a uma mulher que ele havia descoberto por meio de seus irmãos da Nação do Islã.^[1] Uma irmã educada, ele disse, com quem eu poderia conversar. Na época, eu mal falava. Onde antes as

palavras fluíam com facilidade, repentinamente silencieei, o ânimo arrebatado, trocado por uma melancolia que minha família era incapaz de entender.

Irmã Sonja era uma mulher magra, o rosto moreno anguloso sob um hijab preto. Então é isto que a terapeuta se tornou para mim — a mulher com o véu, os dedos afilados, olhos escuros inquisidores. Naquele momento, talvez fosse tarde demais.

Quem passou pela vida sem pequenas tragédias?, irmã Sonja me perguntava com frequência, como se entender a profundidade e a amplitude do sofrimento humano fosse capaz de suprimir meu próprio sofrimento.

—

De alguma forma, meu irmão e eu crescemos sem mãe, mas ainda assim quase inteiros. Meu irmão tinha a fé para a qual meu pai o levou, eu tinha Sylvia, Angela e Gigi, nós quatro compartilhando o peso de crescer *Menina* no Brooklyn, como se fosse um fardo que passávamos de mão em mão entre a gente, dizendo: *Ei, me ajuda aqui a carregar.*

—

Vinte anos se passaram desde a minha infância. Hoje de manhã enterramos meu pai. Meu irmão e eu a postos, diante do túmulo, salgueiros chorando ao redor, os galhos praticamente nus sob a neve. Os irmãos e as irmãs da mesquita à nossa volta. Sob a luz suave da manhã, meu irmão me estendeu a mão e encontrou a minha, enluvada.

Mais tarde, em uma lanchonete de Linden, Nova Jersey, meu irmão tirou seu casaco preto. Por baixo, usava uma blusa preta de gola rulê e calça de lã preta. O kufi^[2] preto que a esposa tricou para ele terminava logo acima de suas sobrancelhas.

A lanchonete cheirava a pão, café e água sanitária. Um painel de neon verde brilhante piscava COMA AQUI AGORA, com guirlandas prateadas, empoeiradas, penduradas abaixo. Havia passado o Natal no hospital, meu pai, que gemia de dor pedindo remédio, a demasiada lentidão das enfermeiras em atender.

Uma garçonete trouxe mais água quente para o chá de menta do meu irmão. Eu remexia meus ovos e batatas fritas mornas, depois de ter comido o bacon lentamente para provocar meu irmão.

Segurando a onda, irmã?, ele perguntou, a voz grave fraquejando um pouco.

Estou bem.

Inteira ainda?

Inteira ainda.

E ainda comendo porco e todas as outras comidas do demônio, pelo visto.

Tudo, menos o grunhido.

Nós rimos da piada antiga, das tardes em que eu precisava me esgueirar pelas lojas do bairro com as minhas amigas para conseguir os alimentos proibidos em casa e dos pedaços de bacon ainda em meu prato.

Você sabe que ainda pode ficar comigo e Alafia. Repouso não é contagioso.

Estou bem no apartamento, respondi. Tem muito que fazer lá. Todas aquelas coisas para organizar... Alafia está bem?

Ela vai ficar bem. Os médicos falam como se o bebê fosse cair de

dentro dela se ela ficar de pé. Está tudo bem. O bebê vai ficar bem.

Comecei meu percurso em direção ao mundo dois dias antes do fim de julho, mas não nasci até agosto chegar. Quando minha mãe, enlouquecida pelo longo trabalho de parto, perguntou que dia era, meu pai disse: *É agosto. Já é agosto. Shhh, querida*, ele sussurrava. *Augusta chegou.*

Com medo?, perguntei a meu irmão, estendendo a mão em direção ao outro lado da mesa para tocar a dele, lembrando de repente de uma foto nossa em SweetGrove, ele, o novo bebê no meu colo, eu, uma menininha sorrindo orgulhosa para a câmera.

Um pouco. Mas sei que com Alá tudo é possível.

—

Ficamos em silêncio. Casais de idosos brancos à nossa volta tomavam seus cafés e observavam distraídos. Em algum canto nos fundos, eu podia ouvir homens falarem espanhol e rirem.

Sou jovem demais para ser tia de alguém.

Você vai estar velha demais para ser a mãe de alguém se não começar logo. Meu irmão sorriu. *Sem julgamentos.*

É mentira que ele não está julgando.

Só digo que é hora de parar de estudar os mortos e se envolver com um irmão vivo. Conheço um cara.

Não começa.

Tentei não pensar na volta para o apartamento de meu pai sozinha, no alívio profundo e no medo advindos da morte. Há roupas a serem doadas, comida velha para jogar fora, quadros

para empacotar. Para quê? Para quem?

Na Índia, o povo hindu crema os mortos e espalha as cinzas no Ganges. O povo caviteño, que vive perto de Bali, enterra seus mortos em troncos de árvore. Nosso pai pediu para ser enterrado. Ao lado do caixão abaixado, um monte de terra marrom clara e escura aguardava. Não ficamos para assisti-la ser jogada sobre ele. Era difícil não pensar nele acordando em volta do cetim macio, invisível, como centenas de pessoas que foram enterradas em coma profundo para mais tarde acordarem aterrorizadas em meio a terra.

—

Você vai parar pelo menos um minuto nos Estados Unidos?

Um minuto, eu disse. Mas voltarei para ver o bebê. Você sabe que eu não perderia isso.

Quando criança, eu não conhecia a palavra *antropologia*, nem sabia que havia uma coisa chamada Ivy League. Eu não sabia que era possível passar dias em aviões, atravessando o mundo, estudando os mortos, toda a vida anterior a esta uma pergunta sem resposta... finalmente respondida. Tinha visto a morte na Indonésia e na Coreia. Morte na Mauritânia e na Mongólia. Havia assistido a pessoas em Madagascar exumarem os ossos de seus ancestrais embrulhados em musselina, espargirem perfume neles e pedirem àqueles que já fizeram a passagem que contassem suas histórias, bênçãos, orações. Tinha passado um mês em casa assistindo a meu pai morrer. A morte não me assustava. Agora não. Não mais. Mas o Brooklyn parecia um nó na minha garganta.

Você devia vir a Astoria para um jantar em breve, uma refeição limpa. Alafia pode se sentar à mesa, só não pode ficar no fogão cozinhando. Mas eu resolvo. Vai ser bom.

Um minuto se passou. *Sinto saudade dele*, ele disse. *Sinto sua falta.*

Nos longos e amargos últimos dias do meu pai com câncer no fígado, revezamo-nos em sua cabeceira, meu irmão vinha ao quarto no hospital para que eu pudesse sair, então eu o acordava para que ele fosse para casa tomar um banho rápido antes de ir trabalhar.

Nesse momento meu irmão aparentava ter sete anos, não trinta e um, as sobrancelhas grossas franzidas, a pele muito limpa e macia para a de um homem.

Queria consolá-lo. *É bom que ele...* mas as palavras não saíram.

Alá é bom, meu irmão disse. *Louvado seja Alá por tê-lo chamado de volta para casa.*

Louvado seja Alá, eu disse.

—

Meu irmão me deu uma carona até o metrô, beijou minha testa, me deu um abraço apertado. Quando ele se tornou um homem? Por muito tempo, ele foi meu irmãozinho, doce e solene, os olhos arregalados para o mundo. Agora, atrás de óculos com armação de metal, ele parece uma figura histórica. Talvez Malcolm. Ou Stokely.

Vou lá depois de amanhã para te ajudar, tudo bem?

Estou bem!

O quê... você levou um homem para lá e não quer que eu o conheça?

Dei risada.

Ainda transando com o Diabo, eu aposto.

Dei um tapa nele e saí do carro. *Amo você.*

Também amo você, Augusta.

—

No metrô, a caminho do antigo apartamento, ergui os olhos assustada ao ver Sylvia sentada do outro lado do corredor lendo o *New York Times*. Ela envelheceu lindamente nesses vinte anos em que não a vi. Seu cabelo castanho-avermelhado estava curto agora, com mechas cinza. Sua pele, ainda um bronze misterioso que contrastava com os olhos claros, agora estava marcada por rugas suaves. Talvez ela tenha sentido que eu a observava porque olhou para cima subitamente, me reconheceu e sorriu. Por vários lentos segundos, os anos se passaram e ela era Sylvia outra vez, com quase quinze anos em seu uniforme da São Tomás de Aquino — saia xadrez verde e azul, blusa branca e gravata-borboleta xadrez, a barriga começando a aparecer. Enquanto meu corpo era tomado pelo silêncio outra vez, me lembrei da irmã Sonja, a cabeça coberta com hijab curvada sobre seu caderno, os dedos imóveis na primeira vez em que chorei em seu consultório.

Sylvia.

Ó meu Deus! Augusta!, ela disse. *Quando você voltou pro Brooklyn?*

A criança deveria ser uma jovem a essa altura. Eu me lembro de ter ouvido que ela tinha o cabelo avermelhado de Sylvia, e, quando recém-nascida, os olhos eram cinza.

De alguma forma eu sabia que o trem estava parando na Atlantic Avenue. No entanto, a estação e tudo ao meu redor pareciam muito distantes. De algum jeito eu me levantei do assento. A voz

sumiu novamente. O corpo em frangalhos.

Talvez Sylvia tenha pensado que eu iria até ela, pronta para abraçá-la, deixar o passado para trás e esquecer. Talvez ela tenha esquecido, como os anos nos permitem fazer.

Você está ótima, garota, ela disse.

As portas do trem se abriram. Ainda não era a minha estação.

Mas desci assim mesmo.

—

Os anos nos apagam. Sylvia foi sucumbindo na poeira do mundo antes de eu conhecê-la, de o bebê dela ir embora, depois sua barriga, depois seus seios e, finalmente, só a única lacuna profunda em minha vida onde ela uma vez esteve.

Angela desapareceu a seguir, ao longo dos anos, apenas uma voz fragilizada na secretária eletrônica quando eu estava em casa ou de férias da faculdade. *Somente agora soube da Gigi. Que horrível. Você estava lá?* Promessas de retomar o contato da próxima vez que estivéssemos em Nova York. Promessas de que ela me encontraria novamente. Tanto ar ao redor das mentiras à distância nos permitiu contá-las, enquanto ela desaparecia em um mundo do qual agora fazia parte, um mundo de dançarinas e atores — reinventada em uma realeza sem passado.

Gigi.

A cada semana, irmã Sonja dizia: *Comece pelo início,* seus dedos escuros curvados em torno de um pequeno caderno preto sustentando a caneta. Muitas ocasiões passaram antes que eu abrisse a boca para falar. Toda semana, começava com as palavras: *Estava esperando minha mãe...*

O consultório era pequeno, uma hera pendia de um pequeno vaso ou então de um peitoril de janela desgastado. Talvez fosse a hera que me fizesse voltar. Toda semana, eu passava quarenta minutos, os olhos se movendo da hera para o hijab de irmã Sonja, para os dedos dela cerrados em torno do caderno e da caneta. Talvez falasse apenas porque a cada semana me permitiam olhar para o rosto negro e anguloso de uma mulher e acreditar novamente que minha mãe voltaria em breve.

I know when I get there, meu irmão e eu costumávamos cantar. The first thing I'll see is the sun shining golden. Shining right down on me...[3]

Como cheguei até ali, naquele momento em que me pediram para começar pelo início? Quem eu me tornara?

Ela está vindo, eu diria. Amanhã e amanhã e amanhã.

E suas amigas?, irmã Sonja perguntava. Onde elas estão?

Estamos esperando por Gigi, respondia. Todas esperamos por Gigi.

Sylvia, Angela, Gigi, Augusta. Nós éramos quatro garotas unidas, incrivelmente bonitas e terrivelmente sozinhas.

Isso é memória.

—

No leste da Indonésia, as famílias mantêm seus mortos em cômodos especiais na casa. Os mortos não estão verdadeiramente mortos até que a família tenha juntado dinheiro suficiente para o funeral. Até lá, o morto permanece com eles, vestido e bem tratado a cada manhã, levado em viagens com a família, abraçado dia a dia, amado intensamente.

No ano em que minha mãe começou a ouvir vozes do falecido irmão dela, Clyde, meu pai tirou a mim e a meu irmão de nossa terra em SweetGrove, no Tennessee, e nos levou para o Brooklyn. Era o verão de 1973, eu tinha oito anos, meu irmão, quatro, o polegar dele novamente em direção à boca no calor da cidade, os olhos arregalados e assustados.

O pequeno apartamento ficava no último piso de um prédio de três andares. Meu irmão e eu nunca tínhamos estado numa altura como aquela, e passamos horas olhando através das janelas pintadas e fechadas para a rua lá embaixo. As pessoas que passavam eram, no geral, bonitas de algum jeito — lindamente magras, lindamente obesas, lindas de estilo afro ou com tranças junto ao couro cabeludo ou carecas. Lindamente vestidas com *dashikis* africanos e jeans boca de sino, minissaias, vestidos de cintura marcada.

O verde do Tennessee se dissipou depressa no mundo estranho do Brooklyn, o calor exalando do concreto. Pensava em minha mãe constantemente, levava a mão ao rosto para acariciá-lo, a imaginava ao meu lado, explicando essa novidade, o ritmo rápido, o impenetrável cinza. Quando meu irmão chorava, eu o acalmava, dizendo para não se preocupar. *Em breve ela virá*, eu dizia, tentando ecoar a voz dela. *Virá amanhã*. E amanhã e amanhã e amanhã.

—

Foi nesse verão que vi Sylvia, Gigi e Angela pela primeira vez. As três usavam tops amarrados no pescoço e shorts, braços

dados, empinavam a cabeça para trás, riam. Eu as observava até desaparecerem de minha perspectiva, me perguntando quem elas eram, como elas... *se juntaram*.

Minha mãe não acreditava em amizade entre mulheres. Dizia que mulheres não eram confiáveis. *Mantenha um braço de distância*, ela dizia. *E deixe as mulheres um palmo depois da ponta de sua unha mais comprida*. Ela me disse para deixar as unhas crescer.

No entanto, quando observava Sylvia, Angela e Gigi passarem sob nossa janela, era tocada por algo profundamente desconhecido — um desejo de fazer parte de quem elas eram, de dar meu braço a elas e permanecer ali. Para sempre.

Outra semana se passou e elas apareceram de novo, dessa vez pararam embaixo da nossa janela e ficaram desenrolando e dobrando um longo fio de telefone, Gigi e Angela batiam enquanto Sylvia se mantinha fora das cordas, gingando para a frente e para trás na planta dos pés antes de pular. Eu assistia a elas, minha boca ligeiramente aberta, intrigada com o embalo fluido delas, como cada uma se mexia de modo que a outra pudesse continuar se movendo.

Meu pai, meu irmão e eu éramos diferentes disso. Passava meus dias conectada a eles, mas dentro de mim, abraçando meu irmão, rindo com meu pai, sempre profundamente consciente da presença deles. Mas era uma presença na sombra, uma presença gravada no DNA. Quando observava meu irmão e meu pai se aproximarem um do outro para conversar, via sua conexão fluida, *alguma coisa* da qual eu ficava de fora. Talvez fosse assim que eu e minha mãe nos voltássemos uma para outra. Quando ela retornasse, nos aproximariamos dessa forma de novo. Enquanto isso, eu pressionava meu rosto contra o vidro quente, as mãos espalmadas na janela, querendo estar dentro do continuum de Sylvia, Angela e Gigi.

No fim de julho, meu pai passou a faca na parte de cima do batente da janela, raspando as linhas grossas de tinta verde, até que a vedação cedeu e o som da cidade finalmente flutuou na nossa direção.

Um radinho em algum lugar do quarteirão parecia tocar “Rock the Boat” o dia inteiro, e às vezes meu irmão cantava fechando a mão como um microfone. *So I'd like to know where, you got the notion. Said I'd like to know where...*^[4]

Daquela janela, de julho até o final do verão, vimos o Brooklyn se tingir de um rosa comovente no início de cada dia e submergir em um azul-acinzentado no crepúsculo. No fim da manhã, víamos os caminhões de mudança estacionarem. Brancos que nós não conhecíamos enchiam os veículos com seus pertences, e, à tarde, observávamos eles contemplarem os edifícios dos quais estavam se mudando, então entravam em suas minivans e iam embora. Uma mulher pálida com cabelo escuro escondia o rosto entre as mãos enquanto se sentava no banco do passageiro, os ombros trêmulos.

Geralmente eu e meu irmão ficávamos sozinhos. O emprego do meu pai na seção masculina da loja de departamentos Abraham & Straus era no centro da cidade, e ele saía ao nascer do sol para pegar o ônibus B52. Nunca tínhamos pegado aquele ônibus nem qualquer outro na cidade. Ônibus eram tão estranhos para gente quanto os meninos negros e pardos na rua lá embaixo, jogando tampinhas de garrafa em números desenhados com giz, as mãos e os joelhos esbranquiçados de pó no fim do dia. Às vezes, os garotos olhavam para nossa janela lá em cima. Mais de uma vez, um menino bonito piscou para mim. Por muitos anos eu não soube o nome dele.

Em uma manhã, logo cedo, assim que eu e meu irmão assumimos nossas posições na janela, com tigelas de cereais no colo, um garoto lá embaixo tirou uma chave inglesa do bolso e a

usou para retirar a tampa de um hidrante, então abriu o registro até que a água limpa jorrasse, atingindo a rua. Observamos a água por horas. Crianças que não conhecíamos, mas que subitamente odiávamos com uma inveja intensa o suficiente para sentirmos seu gosto, as regatas e os shorts colados em sua pele escura. Eu vi Sylvia, Angela e Gigi mais uma vez naquele dia, uma empurrando a outra para a água, suas vozes oscilando em direção à nossa janela.

Ela está rindo de nós?, meu irmão perguntou. *Aquela do cabelo vermelho. Ela acabou de olhar para cima, para nossa janela, e riu.*

Fica quieto, respondi. *Ela nem é alguém.*

Eu estava começando a odiá-las. Eu estava começando a amá-las.

Às vezes, Angela se afastava das outras roendo as unhas com força, seu cabelo afro curto pingando. O tom amarelado de sua pele era familiar para mim como o Tennessee. Na igreja onde nossa mãe nos levava às vezes, quatro irmãs que se pareciam com Angela se sentavam bem à frente, cabelos alisados, trançados e amarrados com fitas brancas, as costas eretas. Enquanto o pai delas pregava, eu as observava, indagando como deveria ser caminhar à beira do sagrado. *Pois Deus amou o mundo de tal maneira*, o pai delas dizia, *que entregou seu filho unigênito*. Mas e suas filhas, eu me perguntava. O que Deus fez com suas filhas?

—

Meu pai cresceu no Brooklyn, mas se alistou no Exército com dezoito anos e foi designado para uma base perto de Clarksville, Tennessee. Então veio o Vietnã. Em seguida minha mãe e SweetGrove. Faltava a ele um dedo em cada mão, o mindinho na esquerda, e na direita, o polegar. Quando perguntávamos como tinha acontecido, ele não respondia, então eu e meu irmão

passávamos horas imaginando como se podia perder dois dedos na guerra — facas, bombas, tigres, diabetes, a lista não tinha fim. Os pais dele envelheceram e morreram a um quarteirão de onde vivíamos agora. Naquele verão, quando lhe imploramos que nos deixasse sair de casa durante o dia, ele balançou a cabeça. *O mundo não é tão seguro como vocês gostam de acreditar que é*, respondeu. *Vejam Biafra*, ele disse. *Vejam o Vietnã*.

Eu pensava em Gigi, Sylvia e Angela andando de braços dados pelas ruas embaixo de nossa janela. Como pareciam fortes e seguras. Tão inatingíveis.

Em um domingo pela manhã, a caminho da igreja que meu pai tinha encontrado para a gente, um homem com terno preto o parou. *Fui enviado pelo profeta Elijah, em nome de Alá*, ele disse, *com uma mensagem para você, meu belo irmão negro*.

O homem se voltou para mim, os olhos movendo-se lentamente pelas minhas pernas descobertas. *Você é uma rainha negra*, ele disse. *Seu corpo é um templo. Deveria estar coberto*. Apertei mais ainda a mão de meu pai. Com um vestido curto de verão, minhas pernas pareciam muito longas e muito expostas. Um templo aberto. Um templo exposto.

O homem entregou um jornal a meu pai e disse: *As-Salaam Alaikum*.^[5] Então foi embora.

Na igreja, atrás do pastor, havia uma imagem de nosso Senhor Jesus Cristo, branco e sagrado, suas vestes abertas para mostrar o coração exposto e sangrando.

Os Salmos nos dizem, pregava o pastor, *na minha angústia clamei ao Senhor, e ele me ouviu*.

A luz dourada se derramava por uma pequena janela de vidros manchados. Meu pai ergueu os olhos, viu o que eu via — a forma

como a luz dançava através das cadeiras dobráveis, os colos enfileirados, o chão desgastado de madeira. Então o sol se moveu, e a luz se mesclou outra vez nas sombras. Qual era a *mensagem para você, meu belo irmão negro*, em toda aquela luz na igreja? Era para qualquer um de nós?

Atrás de mim, uma velha senhora resmungava um “amém”.

—

Com a chegada da iluminação pública, e de nossos lugares na janela, meu irmão e eu podíamos ver crianças correndo para lá e para cá na calçada. Ouvíamos eles rirem e gritarem: *Não valeu! Não valeu! Não valeu!* Podíamos ouvir a música do caminhão de sorvete Mister Softee ressoar por todos os lados. Meu irmão implorou várias e várias vezes pelo mundo além de nossa janela. Ele queria ter mais perspectiva, além da pequena árvore recém-plantada, além do hidrante, além dos nossos reflexos nos painéis escuros da janela.

Se alguém tivesse olhado para cima um minuto antes, teria visto nós dois ali, como sempre, observando o mundo através da vidraça. Eu tinha dez anos e meu irmão, seis. Nossa mãe ainda estava em SweetGrove. Nossas palavras se tornaram uma canção que parecíamos cantar sem parar. *Quando eu crescer. Quando voltarmos para casa. Quando formos lá fora. Quando nós. Quando nós. Quando nós.* Naquele momento as mãos de meu irmão espalmadas contra o vidro, empurrando para fora em vez de para cima, quebrando-o, um corte esbranquiçado profundo, subitamente seu antebraço pulsando vermelho vivo.

Como meu pai apareceu de repente, com uma toalha grossa na mão? Ele estava apenas a um cômodo de distância? No andar de baixo? Ao nosso lado? Isso é memória. Os lábios de meu pai se movendo sem emitir som, apenas o sangue do meu irmão empoçando no peitoril, pingando no vidro estilhaçado reluzente

aos nossos pés. Meu pai pegando meu irmão pálido no colo, mas sem fazer barulho. O rastro silencioso de sangue. A sirene silenciosa. A multidão silenciosa se juntando para ver nós três subindo na ambulância.

—

No branco luminoso de uma sala do hospital, o som retornou, trazendo consigo o gosto, o cheiro e o tato. A sala estava fria demais. Ainda não tínhamos jantado. Onde estava meu irmão mais novo? Uma enfermeira me entregou um copo descartável e um prato de isopor cheio de biscoitos Nilla. Eu queria água. Leite. Carne. Havia sangue seco num tom marrom ferruginoso na minha camiseta. Sangue no meu shorts. Sangue no meu Keds azul-claro. Pressionei dois biscoitos um contra o outro, mastiguei devagar.

Minha mãe disse que Clyde não tinha morrido no Vietnã. Pegaram o homem errado. *Com tantos homens negros e pardos, quem saberia?*, minha mãe disse. *Poderia ter sido qualquer um. Ele me disse.*

Outra enfermeira queria saber se estava tudo bem comigo.

Seu irmão vai ficar bem, ela disse. Vai ficar tudo bem, querida.

Clyde está bem, minha mãe dizia. Logo ele estará em casa.

Hospital Kings County. Sem quartos, só enfermarias. Puxe uma cortina e há um bebê chorando. Puxe outra cortina e há uma garota com o braço engessado de um jeito inusitado. Cortinas e crianças. Enfermeiras e burburinho. Onde estava o meu irmão?

Você gostou desses biscoitos, não foi, querida?, a enfermeira perguntou. *Você estava com fome, não estava?*

Os Benguet no norte das Filipinas vendem seus mortos e os sentam em uma cadeira do lado externo da entrada da casa, pés e mãos atados.

Minha mãe virou o telegrama frente e verso, sorrindo. Os olhos na porta.

—

Por muito tempo depois do vidro quebrado, não houve espaço em minha cabeça para as novidades de Sylvia, Angela e Gigi. Quando elas berravam umas com as outras debaixo de minha janela, eu não olhava para baixo. Deitava-me na minha cama, encarando o teto. Uma braçadeira circundava a lâmpada. Flores brancas orbitavam ao redor da luz, o caule até o botão, o botão até o caule. Se minha mãe estava vindo, deveria vir agora, tão perto do vidro estilhaçado, do braço do meu irmão retalhado e costurado.

Quando meu irmão disse: *Aquelas garotas estão aí fora outra vez*, eu não respondi, apertei os pés dentro das meias e virei meu rosto para a parede. Debaixo do curativo, os pontos pretos uniam a pele do meu irmão novamente como antes. Eu queria a minha mãe.

Um pouco depois de a janela estilhaçar, meu pai começou a deixar a gente sair. Primeiro o portão da frente — *Fiquem do lado de dentro. Deixem o portão fechado.* Depois a árvore no meio do quarteirão. Então a placa de PARE na esquina. Virando a esquina até a loja do Poncho, mas só os dois juntos. *Segure a mão do seu irmão.* A seguir até o meio-fio, o meio da rua, a quadra de handball, descendo a Knickerbocker, até o parque, os balanços pequenos, os balanços grandes, até meu irmão e eu finalmente estarmos livres.

Alguns dias, eu vagava pelas ruas sozinha, procurando pela minha mãe. O cabelo dela estaria grisalho agora? Ainda em um black power? Estaria ainda mais magra do que me lembrava, ou os anos lhe teriam acrescentado uns quilos como as senhoras italianas e irlandesas que se mudaram, que já caminharam pelas nossas ruas lentamente, com seus bustos pesados e sem cintura? Ainda chamaria por Clyde durante a noite, amaldiçoaria meu pai, caminharia pela terra que costumava pertencer a ela, entraria na água e pensaria que tudo ainda era dela?

Vem comigo, eu dizia ao meu irmão várias vezes. *Vamos procurar por ela.*

Antes de Sylvia, Gigi e Angela serem minhas, chegavam a nossa escola pública, toda manhã, mantendo distância de mim. Elas chamavam umas pelas outras no pátio. Davam-se os braços e riam. Antes que eu soubesse seus nomes, conhecia os ossinhos de suas nuças, a curva suave de seus traços. Conhecia cada blusa de gola rulê ou gola boneca que tinham. Conhecia o olhar mal-humorado de Angela enquanto ela esperava na fila do refeitório.